# Do nome à descrição definida dele - 16/07/2022

\_É um exercício de filosofia da linguagem ainda bem incipiente e  
incompleto\*\*[i]\*\*\_  
  
Se eu digo “Gilberto Gil é o baiano com mais balanço”, o que isso significa e  
a quem me refiro? Do ponto de vista intuitivo, a frase acima significa que me  
refiro a Gil, isto é, o significado de Gil é o próprio Gil, qual seja, a  
referência. Agora, se eu digo “Gilberto Moreira é o baiano com mais balanço”,  
o que isso significa e a quem me refiro?  
  
Da mesma forma, intuitivamente, essa segunda frase assere a Gilberto Moreira a  
descrição de ser o baiano com mais balanço. Ora, se o significado \_é\_ a  
referência, temos um problema aqui: temos dois nomes referindo à mesma pessoa,  
como que sendo dois significados diferentes para a mesma referência. Além do  
mais, certamente alguém pode não saber que Gilberto Moreira é Gilberto Gil e  
pensar se tratar de outra pessoa.  
  
Essas questões iniciais trazem algumas dificuldades em se tratar do  
significado de um nome como sendo a própria referência, pois parece que impede  
flexões. Então, o que podemos fazer é separar o significado da referência, de  
modo que haja uma referência (Gil) e muitos significados (Gilberto Gil, Gil  
Moreira, o baiano com mais balanço, o primogênito de José Gil Moreira, etc.).  
Ora, temos aí duas teorias da referência: uma direta (o significado é a  
referência) e outra indireta (o significado é uma descrição da  
referência[ii]).  
  
Ora, agora parece que temos uma maleabilidade maior em descrever as  
referências de acordo com as descrições que queiramos e nos afastando de um  
significado fixado. Isso aproxima o nome que identifica o objeto das  
descrições [definidas] que identificam o objeto. Ainda assim, vejamos, há uma  
âncora lá: a referência. Mas ela pode não haver como em “Saci-pererê é o  
menino mais travesso”, considerando que o saci-pererê não existe.  
  
Isso leva a um terceiro e último aspecto que gostaríamos de comentar. O fato  
de “falar de” seja por um nome (fixo) ou uma descrição levanta dificuldades de  
comunicação quando falta ou sobra significado ou referência, o que nos leva a  
suprimir a descrição definida por uma análise lógica. Assim, o que quereria  
dizer a frase “O primogênito de José Gil Moreira é o baiano com mais balanço”?  
Que existe um primogênito de José Gil Moreira, que há no máximo um primogênito  
de José Gil Moreira e que, quem quer que seja o primogênito de José Gil  
Moreira, ele é o baiano com mais balanço.  
  
Tem-se que a descrição definida se despe em uma asserção de existência (o  
primogênito existe), de univocidade (só há um primogênito do José Gil) e da  
predicação (ele é o baiano com mais balanço). Essa análise já permitiria  
também refutar o saci-pererê[iii]. A camada aparente da linguagem fica, assim,  
subsumida à sua base lógica real e evitamos problemas de interpretação e  
comunicação.  
  
Bem, esperamos não ter errado muito, esperamos que argumentação tenha um pouco  
de clareza e que possa ter coberto em linhas gerais os pontos principais,  
embora nesse momento eu não esteja tão certo que isso tenha sido feito a  
contento.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Nossa intenção com esse primeiro exercício de filosofia da linguagem,  
descompromissado, é nos aproximarmos da escrita técnica e tentar passar  
brevemente pelos primórdios das teorias, circunscrevendo-nos entre Russell e  
Frege e só.  
  
[ii] Conforme Frege, o sentido, ou seja, um modo de apresentar o objeto (a  
referência).  
  
[iii] Já que não existe, apesar de Meinong ter proposto que ele tem um ser,  
que faz parte da realidade dos inexistentes.